

Nas fronteiras entre a história, a memória e a literatura: visões sobre a Guerra Civil Espanhola a partir do romance *Saga*

Marco Antônio Machado Lima Pereira
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo

Levando em conta que as narrativas são suportes das identidades coletivas e, igualmente, instrumentos de retenção do passado, este artigo apresenta algumas reflexões sobre as relações entre a história, a memória e a literatura no contexto pós-guerra civil espanhola.

Palavras-chave: história; memória; literatura; Guerra Civil Espanhola.

Border between history, memory and literature: views on the Spanish Civil War from the novel *Saga*

Abstract

Taking into account that the narratives are supporters of collective identities and also retaining instruments of the past, this article presents some reflections on the relationship between history, memory and literature in the post-Spanish Civil War.

Keywords: history; memory; literature; Spanish Civil War.

1. Introdução

Utilizando como chave de leitura uma carta datilografada pelo ex-combatente brasileiro Delcy Silveira endereçada ao escritor Erico Verissimo, datada de 29 de julho de 1940, um dos pontos centrais deste artigo consiste em discutir e analisar as representações da Guerra Civil Espanhola (1936-39) no romance “Saga” (1940) e o seu impacto entre os voluntários brasileiros no contexto pós-guerra civil espanhola. Em síntese, nos interessa compreender as formas de apropriação do romance “Saga” e explicar de que maneira tal releitura da obra reverberou na referida carta de Delcy Silveira¹ e nos depoimentos de Homero de Castro Jobim², este último que “[...] depois de voltar ao Brasil e a Porto

1 Delcy Silveira nasceu em Porto Alegre em 08 de novembro de 1916. Estudou no Colégio Militar e Academia Militar no Rio de Janeiro entre os anos 1928-1936. Interessou-se por questões políticas em 1934, quando ainda era cadete da Academia Militar do Brasil. Foi influenciado pelas leituras (“ABC do comunismo e outros de Stalin, Manuilski, etc”) e, simultaneamente, por camaradas comunistas com os quais mantinha contato. Aderiu ao PCB em novembro de 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Delcy Silveira também foi membro da direção do Partido na Academia Militar do Brasil (1935) e responsável pelo setor militar da agremiação em Porto Alegre (1937). Embora não tenha participado da revolta no Rio em 27 de novembro de 1935, Delcy ficou cerca de um ano na prisão. Em virtude da abertura de um inquérito policial militar, foi expulso do Exército em junho de 1936. Conseguiu sair ilegalmente do Brasil em outubro de 1937, contando com o apoio político fornecido pelo PCB e, ao mesmo tempo, com a ajuda financeira da família. Antes de chegar à Espanha em 22 de abril de 1938, Delcy esteve no Uruguai e na Argentina. Na Espanha foi designado para a XII Brigada Garibaldi, onde acumulou as funções militares de sargento, tenente, delegado político de seção e, por fim, instrutor. Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme nº. 10.

2 Homero de Castro Jobim nasceu em Porto Alegre em 02 de fevereiro de 1913. Estudou no Colégio Militar de Porto Alegre (1927-1932) e Escola Militar do Realengo (1933-1935). Interessou-se pelo movimento proletário no ano de 1932, por intermédio de amigos comunistas, leituras (“Origem da família e da propriedade privada” e “O Capital”) e ambiente familiar. Aderiu ao PCB em julho de 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Foi expulso do Exército em virtude de sua participação no levante realizado no Rio de Janeiro em 27 de novembro de 1935. Foi detido em agosto de 1937 e também em janeiro de 1938. Teve passagens pela Polícia Central e pela Casa de Detenção no Rio de Janeiro; Polícia Central em Porto Alegre; Polícia Marítima de Buenos Aires. Antes de chegar à Espanha em 24 de abril de 1938 – por intermédio do Partido Comunista dos Estados Unidos –, com a finalidade de combater o fascismo, Jobim esteve no Uruguai e Argentina. Combateu na XII Brigada Internacional (Garibaldi). Dados biográficos coletados no Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP/FAPESP), documentos da Internacional Comunista, microfilme nº. 10.

Alegre, entregou seu diário a Erico para que o escritor, quem sabe, o aproveitasse em alguma obra: esse foi o ponto de partida de *Saga*” (VERISSIMO, 2005, p. 13).

Lembrando a advertência perspicaz de uma historiadora: “[...] cartas, como diários, memórias e outras formas de escrita de si aproximam, sendo discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, mas não podem, por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas” (GOMES, 2004, p. 22). Depreende-se, de saída, que houve um embate no contexto pós-guerra civil no que tange à construção da identidade dos voluntários de esquerda devotados à causa republicana. Num outro plano da análise, este estudo permitirá examinar tanto a relação do leitor com o texto como a própria identidade deste leitor. Como bem observou Robert Darnton, o significado de um livro não se encontra imobilizado em suas páginas, mas é construído por seus leitores (DARNTON, 1990).

2. Reflexões sobre a escrita da história

No que diz respeito às relações entre literatura e história, Roger Chartier chamou atenção para a necessidade de se afastar a noção de que a história – como um saber crítico – não seria mais que uma produção fictícia dentre outras modalidades discursivas. Não obstante, é preciso que o historiador reconheça certos limites na produção de seu próprio conhecimento, na medida em que alguns aspectos da realidade social (como por exemplo, o caráter múltiplo das práticas de cada um dos homens e mulheres do passado) encontram-se fora do alcance de sua análise. No limite, haveria uma antinomia insuperável entre, de um lado, o universo das práticas, e de outro, o universo da escrita. De acordo com o autor,

Há, aqui, um mundo de práticas que podemos unicamente ver de uma maneira particularmente parcial, limitada, obscura, e que este mundo de experiências, de crenças, de representações, de emoções, para nós, qualquer que seja a maneira de nos aproximarmos dele, é um mundo de opacidade, um mundo de distanciamento e, desta maneira, nos sugere uma prudência (CHARTIER, 2000, p. 213).

Trocando em miúdos, “[...] as práticas não se fazem para serem escritas, não se engendram, não se desenrolam através de uma lógica, que é a lógica da escrita. Daí, um desafio, como compreender as práticas, mas compreendê-las para fazer compreender e, dessa forma, escrevê-las?” (Idem). Diante de tais problemas, o ponto de tensão reside no fato de que a escrita jamais esgota as práticas dos atores do passado. Sobre essa questão, Carlo Ginzburg faz uma advertência importante, ao assinalar que a relação direta com a experiência vivida só pode se dar no âmbito da ficção, uma vez que a possibilidade de superar o obstáculo inevitável entre as pistas fragmentárias e distorcidas de um determinado acontecimento e o próprio acontecimento é vedada ao historiador, que apenas dispõe de “rastros”, isto é, documentos (GINZBURG, 2007, p. 271).

Na esteira das observações de Luiz Costa Lima, toda a aporia tenciona tomar sua afirmação inicial como indemonstrável, transformando-a num dogma blindado frente a possíveis questionamentos. Caminhando na contramão de tal postulado, o discurso ficcional não postula uma verdade, mas a coloca entre parênteses. O que o autor procura demonstrar é que a historiografia possui um trajeto peculiar desde Heródoto e, principalmente, Tucídides, qual seja, a de que a escrita da história tem por aporia a verdade do que houve (LIMA, 2006, p. 21). Ou seja, a aporia de base sobre a qual se alicerça a escrita da história é “a procura de dar conta do que houve e por que assim foi”. É esta preocupação primeira com a verdade que se generalizará a partir do século XIX.

Todavia, a escrita da história – concebida como disciplina autônoma e que procura explicar a razão do que houve – não deve ser confundida com a história, vista como um fenômeno natural, espontâneo, pois “[...] ela é a face concreta, múltipla e contraditória da existência humana” (LIMA, 2006, p. 116). Importante sublinhar que o autor está longe de endossar o coro das posições relativistas, dentre elas a que reduz a historiografia a uma dimensão apenas textual. Destarte, mesmo que a “história crua” seja a fonte comum a ser tratada pelo historiográfico e, igualmente, pelo ficcional, seria “a radical diferença de seus resultados, e a falta comum de teorização suficiente de ambas, que dão lugar aos equívocos que têm acompanhado a escrita da história e a literatura” (LIMA, 2006, p. 117). Por outro lado, se a modernidade trouxe à tona a

distinção entre ambas, o mesmo fato “[...] não provocou a compreensão de serem duas modalidades discursivas que não teriam por que colidir, estar em conflito ou serem hierarquizadas” (Idem).

Em resumo, a escrita da história a) supõe a intervenção de uma atividade interpretativa; b) sujeita o fato a perguntas; c) propõe significações e valores que passam a integrar o passado. É pela intervenção do historiador que o passado se amolda às conexões estabelecidas entre uma série de fatos. Dito de outro modo, “[...] a escrita da história converte uma heterogeneidade de fatos em um conjunto temporal explicado” (LIMA, 2006, p. 128).

Um dos argumentos centrais defendidos pelo autor refere-se à principal desvantagem do conhecimento histórico, a saber, “[...] a tentação de converter sua aporia da verdade em algo, literalmente, sem poros, isto é, impermeável à indagação teórica” (LIMA, 2006, p. 143). Ora, mas qual seria o objeto de investigação da escrita da história? Mesmo que seu objeto de análise seja algo do mundo, diz Costa Lima, sabemos que “[...] seu objeto não é propriamente o tempo, mas a experiência humana que nele se deu” (LIMA, 2006, p. 146). Nesses termos, o historiador trata de uma experiência humana localizada num contexto espaço-temporal. Além de afirmar a verdade do que investiga – máxima que deve ser entendida com extrema cautela –, a história – enquanto “ciência do contexto” – não possui um objeto que lhe seja específico. A despeito da dificuldade do historiador em projetar conceitos e das diferenças que se acentuaram ao longo do século XX entre construção historiográfica *versus* “história crua” (espontaneamente processada), “[...] sua pretensão é dizer como em um tempo preciso, segundo a ótica do lugar que o historiador ocupa, instituições e ações se motivaram” (LIMA, 2006, p. 155-156).

2.1. Redefinindo o diálogo entre história e literatura

Com o intuito de aprofundar o debate envolvendo a construção das memórias e das leituras possíveis sobre a Guerra Civil Espanhola, gostaria de rediscutir nesta seção o “cruzamento dos olhares” entre a literatura e a história. De início, uma pergunta deve ser colocada: “Ler a

história como literatura, ver na literatura a história se escrevendo, isto é possível?” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 9). Frente à crise dos modelos explicativos totalizantes da realidade (estruturalista, marxista, demográfico, etc.), “[...] reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária [...] questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginária do real” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 10).

Nesse sentido, há que se ressaltar a presença de tensões e conflitos entre a irredutibilidade do fato e a atribuição de sentido que lhe confere o historiador. No entanto, como diria Ginzburg, é preciso rechaçar as teorias da moda que tendem a relativizar os limites entre história e ficção. Por conseguinte, mesmo que o historiador e o romancista comunguem um mesmo princípio cognitivo, o primeiro depende dos arquivos, da pesquisa documental, dos métodos de análise e dos critérios de cientificidade, seja para compor um determinado contexto quanto para se “chegar” ao acontecimento. Já a narrativa literária “[...] se permite trilhar outros caminhos referenciais, que passam pela estética, pela poesia, e a sua relação com os ‘traços da passeidade’ [os fatos históricos resgatáveis por intermédio das fontes, ou seja, documentos e imagens] é mais liberada” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 11).

O enfoque proposto por Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt – em termos de aproximações e leituras cruzadas entre as narrativas literária e histórica – revelou-se extremamente fecundo para o tema deste trabalho. Assim, convém pontuar alguns aspectos centrais do quadro exposto pelos autores em apreço: *Aproximações*: (a) “tal como a literatura, a história, enquanto representação do real, constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário”; (b) “tanto a história como a literatura reconfiguram um tempo passado na composição narrativa”; (c) “há um processo seletivo de discursos e imagens”; (d) “embora menos enfática ou didática na sua formulação, a literatura, tal como a história, também constitui uma socialização das memórias, das narrativas e dos discursos” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 12-13). *Distanciamento*: (a’) “o texto histórico inclui alguma distância entre o leitor e o discurso do historiador”; (b’) “o historiador, de certa forma, aprisiona e tutela o tempo”; (c’) “na medida em que a história preserva seu estatuto de ciência, ela funda sua legitimidade como narrativa”;

(d') "entre a distância do fato e o mundo do leitor, interpõe-se a fala do historiador, que 'salva' o passado para o presente" (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 13).

Por sua vez, ao traduzir uma sensibilidade na apreensão do real, "literatura e história contribuem para a atribuição de uma identidade, social e individual, provocando modelos de comportamento" (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 14). Não só: ambas ensejam formas de percepção e leitura do real. Entretanto, a narrativa histórica "não se desfez totalmente do seu empenho em fazer da versão do passado do historiador (o que poderia ter sido) a versão daquilo que 'realmente foi'". Residiria aí o contraponto exemplar entre os discursos histórico e literário: se no primeiro é possível constatar certo fechamento à livre interpretação, no segundo a possibilidade de leitura é mais aberta, no sentido de permitir um leque mais amplo de interpretações.

3. "Viva a Espanha republicana!"

Passo agora a analisar a figura do narrador-personagem Vasco Bruno e suas memórias sobre a Guerra Civil Espanhola, particularmente no capítulo "O círculo de giz", em que o personagem central da obra narra sua expectativa angustiante em atravessar a fronteira francesa (Pirineus Orientais) com a Espanha para desfrutar de novas sensações e, é claro, encontrar a guerra: "[...] Quero me atordoar na ação. Preciso apagar as doces e amolentadoras visões da saudade, espantar os fantasmas familiares, esquecer os mornos hábitos do conforto – tudo quanto ficou para trás. Estou tentando passar na memória uma esponja embebida em vinagre" (VERISSIMO, 2005, p. 17).

Após ter passado incólume pela revista dos guardas franceses na estação de trem que o levaria de Perpignan a Portbou, Vasco, já em território espanhol, recorda a presença de uma velha senhora refugiada que tentou dissuadi-lo da missão, dizendo-lhe: "Ustedes están locos, locos, locos!". Nesse momento, o personagem faz uma primeira pausa que lhe é cara, indagando-se acerca dos motivos que o levaram a lutar

ao lado dos republicanos espanhóis:

Lembro-me dos meus velhos sonhos pacifistas e há um confuso momento em que me é custoso convencer de que estou prestes a pegar em armas para matar. E matar quem? Homens que nem sequer conheço. Por que motivo? Por uma nevoenta razão que nem a mim mesmo agora consigo explicar. Já disse que tenho de esquecer tudo quanto deixei para trás: confortos familiares, amigos e ilusões. Repito interiormente: vou lutar do lado de um povo barbaramente agredido. Eis a fórmula que eu procurava. Sou um idealista. Estranha palavra esta... branca e remota como a neve que coroa aqueles cimos. Seja como for, o principal é não pensar (VERISSIMO, 2005, p. 20).

189

Um dos aspectos mais relevantes encontrados no romance “Saga” diz respeito à maneira com que Vasco observa e mesmo descreve o semblante de seus companheiros: “[...] Alguns mostram-se alegres, gesticulam e gritam. Em muitos rostos julgo ver a sombra da apreensão. Há também caras neutras e impenetráveis” (VERISSIMO, 2005, p. 21). Torna-se relevante observar o esforço por parte do narrador-personagem no sentido de captar a história dos demais personagens a partir de seus traços fisionômicos. Com efeito, o que havia de mais espetacular, diz Vasco, era a composição dos diversos idiomas que se cruzavam e se misturavam entre os combatentes estrangeiros das Brigadas Internacionais. Contudo, volta e meia um doce fantasma chamado Clarissa assombrava-lhe os pensamentos. A lembrança de Clarissa vem à tona quando Vasco conjectura a respeito de sua permanência no Brasil: “[...] Que teria sido de mim se ficasse? O casamento, uma vida medíocre, a luta sem glória de todos os dias à sombra ameaçadora dos cadernos do armazém. Depois, o envelhecimento precoce, a amargura, o tédio. [...] Para essas doces feridas, uma esponja embebida em vinagre. Está acabado” (VERISSIMO, 2005, p. 22). Em seguida, o personagem atribui aspectos instintivos e impulsivos ao seu próprio caráter, elementos que, aliados ao espírito aventureiro do pai, o levaram a atravessar o oceano em direção à Espanha.

Num antigo mosteiro da Catalunha, então sede provisória do quartel da Brigada Garibaldi, Vasco nota certo pessimismo entre os oficiais, especialmente a partir das primeiras notícias dando conta

da escassez de armas. Contrariado pela falta de armamentos no lado republicano, somados as chuvas intermitentes e ao frio, o personagem se queixa: “Não sei por que me meti nisto – confesso a mim mesmo. Espírito de aventura, talvez. A fascinação do perigo. Simples curiosidade. Mas o pior é que essas palavras não querem dizer nada. Tenho o corpo quebrantado e a alma vazia. Derrotado antes de entrar em combate” (VERISSIMO, 2005, p. 43).

Seguindo a máxima de que “deve ser mais decente morrer lutando”, Vasco dizia que o envio de armas aos *internacionales* e o fim das chuvas poderiam minimizar o abatimento dos soldados antes da partida para as trincheiras. Outro aspecto relevante na narrativa refere-se aos aspectos da vida cotidiana em tempos de guerra. A esse respeito, Vasco destaca que em Besalú, antiga vila da província de Gerona (local por onde os caminhões trafegavam carregando novos voluntários) era possível notar expressões de desconfiança, tristeza e, principalmente incerteza diante da vitória das forças republicanas sobre as tropas de Franco, notadamente entre mulheres, velhos e crianças daquela pequena comunidade. Em seguida, o narrador-personagem descreve a dura realidade dos seis primeiros dias no Batalhão Garibaldi: “Sob as ordens de um ex-oficial alemão rígido e glacial e de dois austríacos, um deles mutilado na Grande Guerra, passamos os dias a fazer exercícios militares, a aprender a nomenclatura e o manejo de fuzis e metralhadoras. Nossos instrutores falam uma pitoresca mistura de italiano, espanhol e francês. As armas foram fabricadas na Rússia, mas as granadas vêm de Barcelona” (VERISSIMO, 2005, p. 47). Segue-se uma descrição mais vivaz do conjunto dos voluntários estrangeiros:

Há neste batalhão gente de todas as espécies e procedências. São em sua grande maioria homens decididos e fortes, tipos másculos curtidos pelo sol e por todos os ventos da vida. Têm uma consciência partidária e sabem o que querem. Fugitivos de países onde o fascismo impera, vieram para derrubar um regime capitalista. Há entre eles uma espécie de compromisso tácito de não se meterem uns na vida privada dos outros. Conversam, fumam, bebem e cantam juntos como bons camaradas que se encontram agora aqui para se separarem amanhã mais adiante sem aviso prévio nem manifestações de sentimentalismo. Não temem a morte e a sua única lei é a lei da Brigada Internacional. Parecem achar como Lênin que esta não é a hora de afagar cabeças, mas sim de rachar crânios. Não creio que sejam homens visceralmente

cruéis, mas estou certo que são capazes de crueldade, pois sabem que à violência só se pode opor uma violência maior. Seu ódio, pois, se alimenta do ódio dos inimigos. E é curioso observar como em sua quase totalidade esses ‘internacionais’ têm o que se pode chamar de ‘ódio dirigido’. Odeiam metodicamente determinadas pessoas e coisas com um ódio forrado de argumentos mais ou menos lógicos. Sinto em muitos deles uma boa dose de espírito messiânico e em quase todos uma indisfarçável sede de aventura (VERISSIMO, 2005, p. 48-49).

O excerto é longo, mas serve como indicativo de um profundo desconforto que Vasco Bruno sentiu ao se aproximar de muitos destes voluntários. Tal desconforto está vinculado a dois quesitos centrais: a ausência do senso de humor e a rigidez doutrinária proveniente da ortodoxia marxista. Embora o respeito tenha sido a tônica das relações de Vasco com estes indivíduos, o narrador-personagem passou a encará-los como “tipos fabricados em série”, fato que o impulsionou a buscar uma maior proximidade com aqueles que foram para a Espanha não apenas por motivos de cunho político – “os raros, os estranhos, os misteriosos, os que não vivem de acordo com uma rígida fórmula doutrinária” (VERISSIMO, 2005, p. 49). De todo modo, Vasco assinalou que havia um número bastante significativo de refugiados judeus oriundos da Alemanha e da Áustria, bem como outros que se alistaram nas brigadas com a finalidade de fugir de um drama íntimo. Entre os mais jovens, o narrador-personagem notou a presença dos “idealistas puros”, aqueles cujo anseio consistia em morrer por um ideal: “[...] Uns falam em comunismo, outros em democracia, e a palavra *humanidade* anda em muitas bocas. Eu quisera ser um desses. Às vezes tento iludir-me com palavras. Não adianta. Já procurei dançar a todas essas músicas. Não me adapto a seu ritmo. No entanto, é curioso, não sou um céptico, nem um suicida e muito menos um apaixonado da guerra. Anima-me uma esperança nem eu mesmo sei em quê” (VERISSIMO, 2005, p. 52).

A seguir, Vasco confere destaque à recepção das palavras e do discurso do comissário romano Gino Cantalupo – “sereno e profético, a pintar no quadro do futuro o mais justo e belos dos mundos” – momentos antes dos soldados deixarem Besalú, dizendo: “[...] Houve tempo em que essas palavras exerceram algum fascínio sobre

o meu espírito de adolescente. Aos dezoito anos a gente tem desejos messiânicos de reformar o mundo, demolir os velhos edifícios, matar a tradição. [...] Mas o próprio tempo acaba por nos convencer de que a vida é absolutamente ‘outra coisa’. Não cabe num programa de partido. Não se pode resumir numa fórmula” (VERISSIMO, 2005, p. 66). De acordo com suas impressões, mais um elemento seria responsável por afastá-lo dos demais voluntários, qual seja, a introjeção de determinadas expressões-chave no discurso de Cantalupo, tais como: “heroísmo”, “sacrifício”, “ideal” e “vitória”.

Cabe aqui um breve parêntese: o narrador-personagem já havia experimentado dois eventos traumáticos mesmo antes de partir para as trincheiras. Ao responder rispidamente algumas questões concernentes a sua ida à Espanha e, simultaneamente, por ter tergiversado sobre algumas informações referentes ao Brasil, Vasco recebeu ameaças de ser delatado como insubordinado pelo comissário Cantalupo. Sua provável sentença: fuzilamento. Por outro lado, ao presenciar junto aos demais integrantes do batalhão, como forma de advertência, o fuzilamento do companheiro e amigo Pepino Verga, acusado de ter violado uma jovem adolescente de apenas 15 anos.

Já em Cambrills, uma pequena vila da província de Tarragona, onde se localizava o comando da 45.^a Divisão (que incluía três brigadas internacionais), Vasco lamentou a presença de vários casos de sarna entre os soldados:

[...] É esquisito como, ao pensar na guerra, a gente nunca se lembra desses pormenores sórdidos ou então simplesmente triviais. Tem-se em vista a ação, a luta, o ímpeto, as arremetidas corajosas ou então a silenciosa e subterrânea luta contra o medo. Poetas e jornalistas, romancistas e historiadores, antes de fixar a guerra em livros, revistas e jornais, passam-na por uma peneira cuja trama é feita de idealismo, romance e clarinadas gloriosas (VERISSIMO, 2005, p. 76).

Quando um trem chegara de Tarragona trazendo armas e munições, o entusiasmo tomou conta de todos os soldados do batalhão. No entanto, Vasco recorda com pesar os bombardeios ao acampamento em Cambrills, cujo saldo resultou na morte de quatro companheiros e

oito feridos e, por conseguinte, da difícil tarefa de retirar os pedaços dos corpos presos aos ramos das árvores. Desde então, a ideia da morte não lhe abandonou mais. Concomitante ao tom extremamente pessimista do discurso do comissário Cantalupo, ao declarar que para cada homem que se embrenhava na linha de frente havia nove probabilidades de morrer contra uma de voltar vivo, Vasco desabafou: “Sinto-me um condenado à morte que espera a madrugada de sua execução” (VERISSIMO, 2005, p. 81).

Foi nas trincheiras às margens do rio Ebro que pela primeira vez o narrador-personagem ouviu o som assustador e pavoroso dos projéteis alvejando o corpo de um homem. Vasco faz menção, em tom de choque e revolta, a um tiro à queima-roupa disparado pelo soldado chileno García no crânio de um soldado mouro desertor: “Acordo com a sensação de que de ontem para cá envelheci dez anos”. Dalí em diante, seus pensamentos serão marcados pela ambiguidade, ora ele é tomado pela vontade de desertar, vez ou outra pelo desejo de luta e ímpeto de destruição.

Mas o quadro ficaria incompleto se disséssemos que a guerra civil no romance “Saga” resumia-se à “destruição, sangueira e morte”. No transcorrer dos dias e enfrentamentos, Vasco percebia que o perigo eminente forjava uma aproximação entre os voluntários, era o “espírito de camaradagem”. Em outra passagem, o soldado italiano De Nicola recomenda que Vasco encare a guerra como uma “reeducação sentimental”, e acrescenta: “E se ao sair deste inferno você não souber tirar proveito do que viu, sentiu e descobriu, então é melhor amarrar uma pedra ao pescoço e atirar-se no Mediterrâneo” (VERISSIMO, 2005, p. 100).

Por fim, arrisco-me a dizer praticamente o óbvio: das marcas indeléveis deixadas pelo conflito civil espanhol na trajetória de Vasco Bruno, cabe enfatizar a mudança de sua postura diante tanto da vida como da morte. O trecho a seguir talvez confirme tal assertiva:

Olho para os rostos dos companheiros. Estão serenos e resignados. Quando entraram nisto estavam resolvidos a não voltar. Para eles a vida pouco vale e a morte tanto pode chegar-lhes hoje como daqui a vinte anos, é-lhes completamente indiferente. São bravos e fortes e ao vê-los

sinto obrigações de solidariedade para com eles. Venha o que vier, é preciso ter coragem e lutar. E é por isso que às vezes chego a ter pudor do simples desejo de ir embora (VERISSIMO, 2005, p. 133-134).

Ao presenciar a dura derrota do governo republicano e a evacuação das multidões que começavam a deixar Barcelona em direção à fronteira com a França, Vasco revela que o que viu naquele momento era no mínimo cem vezes mais trágico do que a guerra nas trincheiras: “Nunca vi tantas caras apavoradas nem ouvi tantos choros e lamentações. É um quadro de miséria e desolação. [...] São marcos sinistros da estrada mais sombria que trilhei em toda a minha vida” (VERISSIMO, 2005, p. 151). Sentindo-se cansado, triste e desolado diante de tantas lembranças terríveis – como da passagem pelo campo de concentração de Argelès-sur-Mer, dos cartões de racionamento distribuídos entre a população catalã e das “raparigas que vendiam sua virgindade por um prato de lentilhas” –, Vasco Bruno reencontra seu “círculo de giz”³ ao voltar para o Brasil e para os braços de Clarissa: “[...] Para essas memórias amargas, uma esponja embebida em esquecimento! Sou um fugitivo do inferno... creio que sou um homem novo” (VERISSIMO, 2005, p. 164).

É importante sublinhar que o personagem Vasco Bruno difere da memória e da identidade que os voluntários brasileiros construíram nos depoimentos analisados. Nesse sentido, o personagem é visto de forma negativa pelo fato de comprometer a própria identidade que o grupo construiu de si próprio. Em consequência, o que reforça ainda mais a identidade e os valores do grupo é a consciência de que lutar contra o fascismo, independente da vitória, estava em primeiro plano. Não obstante, essa convicção jamais acompanhou Vasco, personagem marcado por dilemas, dúvidas e incertezas quanto as suas próprias escolhas pessoais, políticas e ideológicas. Na carta de Delcy Silveira ao escritor Erico Verissimo, transcrita logo a seguir, o ex-combatente empenha-se não só em proteger a identidade do referido grupo, rechaçando certas passagens do livro, como também em defender a memória dos cinco mil voluntários estrangeiros mortos no conflito. Para tanto, atribui ao romance “Saga” a tentativa de “ofender o passado glorioso dessas unidades voluntárias e seus combatentes”. De fato, Delcy Silveira

3 Expressão metafórica utilizada pelo autor para comparar a condição humana a um peru, irremediavelmente preso a um círculo traçado a giz no chão.

demonstra certa inclinação ao “entesouramento das memórias”⁴ dos tipos descritos pelo romancista, sobretudo por não admitir a existência de identidades fracionadas e parciais, como a de Vasco. Em sua resposta a Deley Silveira, Erico Verissimo destaca a pluralidade dos brigadistas, feitos não apenas de heróis, mas de indivíduos comuns e aventureiros, distanciando-se de uma visão sacralizada e gloriosa do conjunto dos voluntários internacionais no contexto da Guerra Civil Espanhola.

4. “Batalhas pela memória”

195

*O escrever é coisa capaz de substituir o
lutar?*

George Orwell

Lutando na Espanha

Porto Alegre, 29 de julho de 1940.

Digno Escritor e Patrício Erico Verissimo

Saudações

Li seu recente livro “Saga”. Contemplei, senti na própria carne e vivi a tragédia da heroica Espanha Republicana, como combatente na denominada Brigada Internacional do Exército Espanhol.

Pelo respeito que me merece a memória dos cinco mil voluntários estrangeiros mortos nos campos de batalha de Espanha, é que vos escrevo para refutar passagens de vosso livro, que além de irreais são ofensivas ao passado glorioso dessas unidades voluntárias e seus combatentes, cognominados pelo setor livre da imprensa do mundo, de Voluntários da Liberdade.

4 O filósofo Renato Janine utiliza o termo para designar aquele indivíduo fascinado em “entesourar” e/ou guardar a melhor recordação de si próprio e assim construir a própria identidade. Ver RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 21, n.º 21, 1998, p. 35-42.

A leitura de vosso livro não me transportou, apesar de ser por mim conhecido o roteiro de vossos personagens, para aqueles dias passados, pois o ambiente e os tipos descritos pelo ilustre escritor antifascista não correspondem em absoluto à realidade⁵.

Vasco, Green, García, Pepino, etc... não correspondem de nenhuma forma, ao ‘standard’ psicológico das Brigadas Internacionais. Com tais tipos a República Espanhola não resistiria nem um mês, contra a esmagadora superioridade material da Intervenção Ítalo-Germânica.

A resistência de Madrid, a vitória de Guadalajara, Jarama, Teruel, e a ofensiva do Ebro, da qual o Snr. fala em seu livro, só poderiam ser executadas com grande disposição de ânimo combativo, desprendimento e abnegação.

A moral era tal, naqueles trágicos dias, que apesar de antever que a vitória não sorria, devido a interesses econômicos de uns, covardias de outros, e a política de avestruz de não-intervenção anglo-francesa (isto é, o direito de intervir por parte da Itália e da Alemanha), continuamos com o mesmo élan de resistência, na certeza que lutávamos pela democracia e pela liberdade do mundo. A presente situação mundial confirma a justeza deste conceito. Era esse bando de aventureiros compostos de todas as correntes ideológicas, antifascista, e credos religiosos, representando cinquenta e quatro nacionalidades, que desfaziavam-se tão voluntariamente [...] de uma parte de suas rações e de seus soldos em benefício da população civil e de creches infantis⁶.

[...]

Somente esse espírito de moral combativa, do povo e de seu

5 Grifo meu.

6 De acordo com os estudos do historiador Rémi Skoutelsky, é inegável que o antifascismo constituiu-se num dos denominadores comuns dos voluntários, provavelmente o principal. De maneira que a luta contra o fascismo na Espanha seria um prolongamento direto do combate que se travava em seus países de origem, sobretudo para os combatentes alemães e/ou italianos. Outro fator fundamental de alistamento se referia a “solidariedade de classe”, levando em conta que “[...] os voluntários eram essencialmente operários que desejavam prestar sua ajuda a outros operários”. Traçando outras motivações, o autor destaca que em muitos voluntários se observava o gosto pela aventura, o desejo de emancipação familiar e os fracassos conjugais como um conjunto de fatores a ser levado em conta. SKOUTELSKY, Rémi. Las Brigadas Internacionales: algunas definiciones. Congreso La Guerra Civil Española 1936-39, 2006. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2571080>>, acesso em 20 de dezembro de 2012. p. 18.

Exército desde o alto comando até o último soldado, poderão explicar o “milagre” dos três anos de resistência da República Espanhola.

Meu caro escritor Sr. Erico, nas Brigadas Internacionais não havia lugar para Vasco, Green, García e demais comparsas, que foram para a Espanha sem saber e nem compreender porque estavam lutando, que só sentiam que comiam “grão de bico” e bebiam um ou outro copo de vinho. Quando em qualquer povoado ou cidade, só pensavam em cabarés, mulheres e vinhos. Que não sentiam e nem compreendiam a abnegação, o apoio e o carinho com que eram cercados pela população civil, que só viam naquela gigantesca luta, desolação, miséria e prostituição, que viam nos chefes não companheiros mais capazes, que se haviam salientado na luta, como o eram em realidade, e sim chefes de gângsters que [...] só sabiam mandar fuzilar⁷.

[...]

Apesar de “Saga” não corresponder à realidade dos fatos [...] não deixa de ser positivo e demonstra o interesse do nobre escritor antifascista, na divulgação daquela luta de libertação nacional.

Creia-me vosso sincero admirador

Delcy Silveira.

Sr. Delcy Silveira

Prezado Senhor

Recebi sua carta, que li com toda atenção. Lamento que na primeira parte de “Saga” eu não tenha conseguido dar uma imagem exata da B.I. Está claro que você conhece o assunto melhor que eu. Acredito mesmo que todos os voluntários internacionais fossem como aqueles que você aponta, o governo não teria aguentado três meses. Mas seja-me

⁷ Como diria Paul Preston, os brigadistas continuaram lutando unidos muito mais pelos ideais compartilhados do que pelas estruturas convencionais de hierarquia e disciplina. De modo que “em termos morais, o valor das Brigadas como farol do antifascismo, foi incalculável”. PRESTON, Paul. PRESTON, Paul. “El contexto europeo y las brigadas internacionales”. In: REQUENA GALLEGO, Manuel y LOSA, Rosa Maria Sepúlveda (coord.). Las Brigadas Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias. Cuenca: Ediciones de la Universidade de Castilla-La Mancha, 2003. p. 18.

permitido dizer que Vasco, Green, Brown e os outros não representavam a nota tônica da Brigada nem sequer eram figuras importantes nela. Aparecem na história como sendo as criaturas que mais perto andavam de Vasco. Este mesmo teve o cuidado de por em realce a bravura dos internacionais e exaltam em mais de uma passagem os seus ideais.

Esclareceu aí a que ia tratar principalmente dos poucos que lá estavam por motivos particulares e não de caráter ideológico. Outra coisa: você na brigada conheceu seu setor. Como poderá responder por toda a Brigada? Sim, eu creio que a maioria dessa gente desprendida e corajosa merece nossa admiração, mas, da minha experiência da vida, sei também que em todas as sociedades, tanto em tempo de paz como no de guerra, uma seleção rigorosa não é possível. E depois meu caro amigo, o homem é sempre o homem. Creia que compreendi o seu protesto e que de certo modo o aceito. Seja como for, continuo a admirá-lo. Muito cordialmente.

Ass. Erico Verissimo.

5. Conclusões provisórias.

Após a transcrição da resposta de Erico Verissimo, podemos analisar algumas das principais passagens da carta de Delcy Silveira, para em seguida confrontá-las com o conceito de “memória” utilizado neste trabalho. Parte-se aqui da premissa de que tal noção deve ser empregada no plural, na medida em que remete, muitas vezes, a diferentes interpretações do passado. Levando em conta a sua dimensão coletiva, devemos caracterizá-la como “um elemento estruturante da representação do mundo nas sociedades humanas, da relação dos homens com o mundo” (LABORIE, 2009).

Participando ativamente da tragédia da heroica Espanha republicana, Delcy Silveira, ancorado na experiência do vivido, comprovaria empiricamente uma das principais funções atribuídas (no plano teórico) à “memória”: a necessidade de exprimir certezas e ser depositária de uma verdade. Suas palavras trazem para o primeiro plano também a dimensão identitária que acompanha a construção de

uma determinada memória coletiva empenhada em conferir sentido ao passado. Em resumo, tornava-se imperativo para o ex-combatente brasileiro a tarefa de reconstruir o passado (no caso, a participação dos voluntários estrangeiros na Guerra Civil Espanhola) para servir aos fins do presente (consolidar e proteger a imagem de sacrifício, desprendimento e abnegação atribuída a eles).

A meu ver, a pergunta central colocada por Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt, a saber, “Ler a história como literatura, ver na literatura a história se escrevendo, isto é possível?”, foi respondida de maneira afirmativa tanto pelo ex-combatente brasileiro Delcy Silveira como pelo romancista Erico Verissimo. No entanto, como era de se esperar, o conteúdo das respostas foi bem diferente. O primeiro jamais daria abertura para que se colocasse a questão de que haveria sim naquele período contradições, dúvidas e incertezas (antes, durante e depois do conflito) entre os brigadistas. Sob a ótica de Delcy, os “voluntários da liberdade” seguiriam um modelo de racionalidade absoluta, cujo alicerce seria a luta pela “democracia” e pela “liberdade do mundo”. Já Erico Verissimo prefere colocar em suspenso essa tentativa de “sacralização da memória”, propondo observá-la com “olhos distantes, estranhados, críticos”. Para tanto, o romancista dá vazão ao caráter fragmentário e dinâmico da identidade, bem como dos momentos contraditórios de sua constituição.

Como assinalou Flávio Andrade, no prefácio à edição mais recente do livro “Saga”, é interessante que Erico Verissimo tenha reservado a sua sétima obra palavras tão amargas como “pior romance” e “monstro”. Exageros à parte, o livro conserva seu valor no aspecto histórico e pela atmosfera de angústia que antecedeu e se seguiu à abertura da Segunda Guerra Mundial. Numa entrevista concedida ao historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, Homero de Castro Jobim salientou o seguinte:

A distância no tempo anula muitos significados e garante outros sentidos aos mesmos fatos do passado. Mas, é importante lembrar que, além do sentido social e coletivo que nos envolvia, houve certo índice de convocação do ideal individual. Os que foram para a Espanha, não o fizeram por mera exclusão da vivência política nacional. Não foi isto só. O que de fato aconteceu foi a intensificação da luta antifascista e a universalização do combate. (JOBIM, Homero de Castro. In: MEIHY, 2009. p. 182).

Importante sublinhar que os milhares de combatentes estrangeiros que lutaram pela República personificavam mudanças sociais profundas, desestabilizando e complicando certas categorias identitárias (nacionais, raciais e culturais) pretensamente fixas e homogêneas. É por isso que devemos compreender o sentido da luta dos brigadistas numa perspectiva mais ampla: “[...] Los brigadistas sentían que luchando contra los militares rebeldes y sus partidarios fascistas en España estaban también asestando un golpe a la exclusión económica y política de todo el continente. Así pues, tenían una clara conciencia de sí mismos como soldados políticos en la guerra civil europea en curso” (GRAHAM, 2013. p. 145). De modo que no geral, eram soldados num sentido mais profundo, para além da esfera militar, na medida em que estavam alinhados aos setores da sociedade espanhola que desafiavam uma ordem política pautada nas diferenças sociais:

[...] Era una forma de política, y de lucha política, que en todos los lugares de Europa en los años veinte y treinta derivaba de un enfrentamiento agudo entre valores y modos de vida: una jerarquía social estricta contra formas de política más igualitarias. En España, aquellos que apoyaron la República, ya fuera con las armas o en la retaguardia, lo hicieron porque eran personas que aspiraban a alguna clase de apertura social y cultural y que consideraban que la República ofrecía un futuro más esperanzador, la posibilidad de una sociedad más abierta (GRAHAM, 2013. p. 145-146)

Ao combater o fascismo na Espanha os brigadistas também resistiam a diversas formas de exclusão política e social. Em termos raciais e culturais, bem como políticos, a heterogeneidade das Brigadas a converteu numa imagem viva e sólida de oposição aos princípios de purificação e categorização brutal adotados pelo fascismo e, principalmente, pelo nazismo. Como exemplo emblemático vale mencionar a Brigada Abraham Lincoln, a primeira unidade militar dos Estados Unidos formada por afroamericanos a rechaçar a segregação racial. Dessa maneira, a defesa da República espanhola atraiu escritores e combatentes variados: pensadores, ativistas e revolucionários unidos pelo desejo comum de lutar para acabar com as categorias

discriminatórias de raça e etnicidade vigentes na Europa e em outros contextos geográficos (GRAHAM, 2013. p. 154).

Um dos impactos sociais e psicológicos gerados pela experiência da guerra diz respeito ao sentimento compartilhado por tantos brigadistas: o de ter sido transformado pela Guerra Civil, de não ter voltado a ser o mesmo e não ser capaz de se encaixar novamente em nenhum lugar, constituindo assim outro tipo de exílio, além do territorial e político. A Espanha marcou a todos porque havia sido um lugar de possibilidades futuras, e é por isso que ainda nos impressiona.

BIBLIOGRAFIA

CHARTIER, Roger. *Literatura e História*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2000, pp. 197-216.

DARNTON, Robert. “Primeiros passos para uma história da leitura”. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução* (Trad. Denise Bottmann). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício* (Trad. Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

202

_____. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância* (Trad. Eduardo Brandão). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRAHAM, Helen. “Cruzando fronteras. Pensar acerca de los brigadistas internacionales antes y después de España”. In: *La Guerra y su sombra: la guerra civil española en la Europa del siglo XX*. Barcelona: Crítica, 2013.

LABORIE, Pierre. “Memória e opinião”. In: AZEVEDO, Cecília; BICALHO, Maria Fernanda; KNAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise; (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. 1.ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *Guerra Civil Espanhola: 70 anos depois*. São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na Guerra Civil Espanhola*. 1.ª ed. São Paulo: Xamã, 2009.

ORWELL, George. *Lutando na Espanha e o ensaio: recordando a guerra civil* (Trad. Affonso Blacheyre). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PRESTON, Paul. “El contexto europeo y las brigadas internacionales”. In: REQUENA GALLEGO, Manuel y LOSA, Rosa Maria Sepúlveda (coord.). *Las Brigadas Internacionales: el contexto internacional, los medios de propaganda, literatura y memorias*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003.

REQUENA GALLEGO, Manuel. “Mito e historia de las Brigadas

Internacionales”. In: CUESTA, Josefina (dir.). *Memorias históricas de España* (siglo XX). Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias de si ou... Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n.º 21, 1998, pp. 35-42.